


Representações das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a discriminação racial na escola

Rafaela da Silva Santosⁱ 

Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, Brasil

Alfrancio Ferreira Diasⁱⁱ 

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil

1

Resumo

Neste trabalho, realizamos uma análise acerca de como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da “Escola Estadual Eliezer Porto” trabalham as situações de discriminação racial. A opção metodológica recai sobre a abordagem qualitativa. A estratégia de coleta de dados seria com a entrevista semiestruturada com cinco docentes. Conclui-se que a falta de informação e as questões culturais que são as principais causas da discriminação. A abordagem da discriminação racial é de grande importância para que os alunos tenham mais informações sobre as questões étnico-raciais e diminua o preconceito.

Palavras-chave: Alunos. Discriminação Racial. Escola. Professores.

Teachers' representations of early elementary school years about racial discrimination at school

Abstract

In this work, we carried out an analysis of how teachers in the early years of elementary school at “Escola Estadual Eliezer Porto” work in situations of racial discrimination. The methodological option fell on the qualitative approach. The data collection strategy would be with a semi-structured interview with five teachers. It is concluded that the lack of information and the cultural issues that are the main causes of discrimination. The approach to racial discrimination is of great importance so that students have more information on ethnic-racial issues and lessen prejudice.

Keywords: Students. Racial discrimination. School. Teachers.

1 Introdução



Discriminação racial é o ato de excluir as pessoas do meio social, devido ao preconceito em relação à cor, à religião, ao gênero¹, à orientação sexual, à situação social, à raça e à etnia; isso acontece porque algumas pessoas se sentem superior a outras e acabam isolando as pessoas que consideram não estarem enquadradas no padrão que considera ideal. Além disso, algumas pessoas têm certa dificuldade de se relacionarem com negros, homossexuais, por preconceito ou até mesmo por vergonha de terem colegas que pertencem às classes que não são reconhecidas como bem situadas na sociedade.

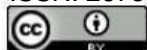
[...] o racismo é uma ilusão de superioridade. O racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu para mandar e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. O racismo, então, é antes de tudo é uma expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a outro grupo (LOPES, 2007, p. 19-20).

Segundo o autor, o racismo é uma falta de respeito ao próximo, por eles (as) serem diferentes na forma de se vestir, pensar, agir, por pertencerem a outros grupos e classes sociais e gênero; isso causa estranhamento e a não aceitação do outro, nas escolas, no trabalho e nos demais ambientes de convivência social.

Percebe-se que, mesmo com a evolução, com as mudanças que vêm ocorrendo no decorrer de cada ano, ainda nos tempos atuais existe a discriminação racial, que, ao invés de diminuir, cresce. Também se percebe a evasão escolar, pessoas que estão fora da escola porque sofreram algum tipo de preconceito racial e acabam desistindo de estudar; outros permanecem, mas sem estímulo para realizar suas atividades escolares, com sentimento de inferioridade, não perguntam, não questionam nada nas aulas e, às vezes, têm certa dificuldade na aprendizagem.

Esse tema é importante porque ajuda a entender quais são as causas da discriminação racial, como também a importância do acréscimo dos conteúdos étnico-raciais no material didático, para a aprendizagem dos alunos, fato que ajuda na construção

¹ Sobre os estudos de gênero ver os trabalhos de Cruz (2014), Dias (2014), Gomes-da-Silva (2014), Sarat e Campos (2014), Pinto, Carvalho e Rabay (2017), Dias e Menezes (2017), Silva, Dias e Rios (2020), Rios, Cardoso e Dias (2018), Cardoso e Dias (2016), Rios, Dias e Brazão (2019).





da identidade, dos valores, da cultura e das crenças, que ensina as diferentes formas de ser, sentir e interagir com o outro no currículo escolar².

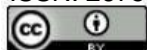
Este estudo tem como objetivo conscientizar as pessoas o quanto é doloroso discriminar alguém, excluir as pessoas do meio social, escolar ou do trabalho, mostrando as consequências que a discriminação racial traz para os indivíduos portadores desse preconceito e para aqueles que sofrem, por serem vítimas.

Os benefícios deste estudo é diminuir as práticas racistas, construir e preservar valores que envolvam o respeito entre as pessoas, como também respeitar e valorizar a diversidade humana, fazendo com que as pessoas possam superar esse preconceito e as discriminações, tendo uma nova visão relacionada ao tema abordado. Saber lidar com o diferente, sem agressões verbais, físicas, preconceitos, exclusão, e sim inclui-los nas escolas e na sociedade, já que todos são iguais, independente de classes sociais.

Este tema tem que ser mais conhecido nas escolas para que todos possam desenvolver atividades em coletivo, debates, pois, não é uma cor que vai fazer uma pessoa mais ou menos inteligente, mas sim o conhecimento que vai sendo construindo em casa e na escola. Nesse sentido, esta pesquisa teve como problema central: Como os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da “Escola Estadual Eliezer Porto” trabalham as situações de discriminação racial?

Elegeu-se como objetivo geral: analisar como os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da “Escola Estadual Eliezer Porto” trabalham as situações de discriminação racial. Os objetivos específicos foram: identificar os tipos de discriminações que existem na Instituição e suas possíveis causas; identificar os tipos de atividades que são desenvolvidas na escola e como eles trabalham as questões étnico-raciais; analisar quais são as medidas tomadas em relação à discriminação racial, e qual é a posição dos

² Sobre currículo ver os trabalhos de Rudd e Goodson (2016), Uljens (2016), Fino (2016), Gomes-da-Silva (2014), Morgado, (2016), Pacheco e Sousa (2016), Moreira e Silva Júnior (2016) e Oliveira, Gerevini e Strohschoen (2017), Kovacs e Tinoca (2017), Pedro (2017), Ramos (2012), Almeida e Araújo JR (2013).





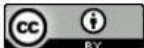
professores quando surge uma situação dessas na escola; analisar como a discriminação racial afeta o aluno em seu ambiente escolar, e de que forma ela acontece.

A abordagem metodológica da pesquisa foi qualitativa, porque trabalha com subjetividade, dados e significados, levando em consideração as motivações, crenças, valores e representações sociais (RODRIGUES, 2011, p. 55). Os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada com alguns professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A técnica utilizada foi uma conversa entre o pesquisador e os docentes, para obter algumas informações, seguindo um roteiro com algumas questões sobre o tema abordado, marcando com antecedência o local e o horário da entrevista.

A pesquisa de campo foi realizada na “Escola Estadual Eliezer Porto”, em Itabaiana (SE), com alguns professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Dois motivos levaram a fazer a pesquisa na Instituição; o primeiro foi o estágio de observação realizado na escola, segundo porque nela tem o, Programa Institucional de Bolsas Iniciação à Docência (PIBID) que desenvolve trabalhos relacionados à discriminação racial, daí o interesse em realizar a pesquisa nessa escola. No primeiro momento foi explicado às entrevistadas a importância da contribuição dos (as) docentes para a realização da entrevista, assegurando que é algo confidencial, explicando a finalidade da pesquisa.

Iniciou-se a pesquisa conversando com as docentes como elas trabalham com a discriminação racial na escola e quais são os tipos que nela existem, bem assim suas possíveis causas. Observou-se na escola como a discriminação racial afeta os discentes no ambiente escolar com relação à aprendizagem. Os dados serão coletados através da entrevista, com os professores e a observação feita na instituição, depois analisados neste trabalho.

Conseguiu-se a colaboração de cinco docentes dos anos iniciais do ensino fundamental para a realização das entrevistas. Inicialmente escolheu-se fazer as entrevistas, mas as professoras solicitaram que enviasse ou entregasse o roteiro de questões para que elas pudessem responder em outro momento, nas suas casas.



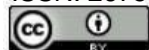


A docente 01 é formada em Pedagogia, ensina no primeiro ano no turno vespertino, tem sete anos que atua como professora, sendo três deles na Instituição pesquisada. Para ela o que causa a discriminação racial na escola é a falta de informação ou formação que se tem fora da escola. A docente 02 é formada em Pedagogia, ensina no terceiro ano do ensino fundamental no turno matutino, atua como professora há 15 anos e está nessa escola há quatro anos. Ela atribui a discriminação racial na escola à desinformação. A docente 03 é formada em Pedagogia, com especialização em Língua Portuguesa, ensina no quinto ano do ensino fundamental no turno matutino e atua como professora há 19 anos e dez meses; está na Instituição há quatro anos. No seu entendimento, a causa da discriminação racial na escola está relacionada a questões culturais do meio em que vive e isso é repetido no comportamento com os colegas. A docente 04 é formada em Pedagogia e é pós-graduada, ensina no primeiro ano do ensino fundamental no turno matutino e atua como professora há 19 anos; está nessa escola há 12 anos. Para a mesma, o que causa a discriminação racial na escola é mais a questão cultural. A docente 05 é formada em Pedagogia, ensina no quinto ano do ensino fundamental no turno matutino e atua como professora há 12 anos; está nessa escola há um ano, e acredita que a discriminação racial na escola é fruto da falta de informação.

2 Discussão dos resultados

A causa da discriminação racial na escola, segundo os depoimentos das docentes, é a desinformação, o que fletia nas práticas educativas dos docentes³. Isso quer dizer que mesmo desenvolvendo projeto da consciência negra e oficinas que são desenvolvidas pelos(as) bolsistas da UFS na escola, ainda assim acontece a discriminação, devido à falta de informação sobre a discriminação de alguns alunos.

³ Para saber mais sobre práticas educativas consultar: NERYS, et al., 2019; ARAÚJO; SOARES, 2019; SILVA et al., 2019; COSTA; SILVA; SOUZA, 2019; FERREIRA NETO; SILVA, 2019; MACIEL et al., 2019; SOUSA; FERNANDES, 2019; SANTOS; GIASSON, 2019; CAXILE, 2019; CARVALHO, 2019.





É muito importante que as (as) docentes comecem a desenvolver as ações relacionadas à discriminação racial desde a educação infantil com “contação” de histórias: menina bonita do laço de fita, o cabelo de lelê, entre outras histórias e atividades que podem ser desenvolvidas nas escolas, dinâmicas que ajudam na socialização e interação entre os alunos.

É tarefa da escola fazer com que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos. É necessário romper o silêncio a que foram relegados negros e índios na historiografia brasileira, para que possam construir uma imagem positiva de si mesmos. (CAVALLEIRO, 2001, p. 107).

Como argumenta o autor, é tarefa da escola fazer com que os (as) alunos (as), a cada dia possam ter mais conhecimento sobre as questões étnico-raciais e desenvolver mais atividades que promovam aos alunos interação, socialização para que não haja discriminação.

A instituição tem a função de transmitir o conhecimento aos (às) alunos (as) para que eles (as) possam conhecer sua origem, conhecerem-se uns aos outros e não silenciar a história dos (as) negros (as), índios (as), ajudar a construir uma imagem positiva em relação aos (às) negros (as) e assim contar a história do povo negro a mais pessoas. É tarefa do (a) educador(a) problematizar as questões étnico-raciais por ele (a) ser o (a) mediador (a) do conhecimento, é seu dever ajudar a escola a solucionar, a questionar os problemas existentes na instituição e a valorização dos(as) negros (as).

No que diz respeito à discriminação racial na escola, observou-se que as professoras têm vários depoimentos sobre a temática abordando a seguinte forma: todas as entrevistadas são do curso de Pedagogia e atuam há muito tempo como professoras; uma das entrevistadas, a docente 04, tem mais tempo que atua na instituição onde foi realizada essa pesquisa, já as outras docentes têm menos tempo que atuam na instituição.

Inicialmente, foi perguntado às professoras sobre o processo da discriminação racial na escola e identificou-se, de forma geral, que a desinformação é o principal motivo, segundo os depoimentos abaixo:





A falta de informação ou formação que se tem fora da escola (DOCENTE 01).

Acredito que a causa maior seria a desinformação (DOCENTE 02).

Está relacionado a questões culturais do meio em que vive e isso é refletido no comportamento com os colegas (DOCENTE 03).

É uma questão mais cultural (DOCENTE 04).

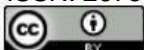
Falta de Informação (DOCENTE 05).

As docentes 01, 02 e 05 dizem que o que causa a discriminação racial é a falta de informação. As respostas das professoras 01, 02 e 05 se aproximam com o argumento que Gomes (2006) desenvolve sobre a ideia que a falta de informação contribui para o processo de preconceito em relação aos (às) negros (as) que é algo que deve ser discutido em coletivo, é fazer com que mais pessoas conheçam a história, a cultura que se tornem motivo de discussão e que assim haja uma educação de forma igualitária para todos (as) e que os (as) alunos (as) possam respeitar uns (umas) aos (às) outros (as).

[...] é preciso compreender o fato de que o racismo e a desinformação sobre a ascendência africana no Brasil constituem sérios obstáculos à promoção de uma consciência coletiva que tenha como eixo da ação política a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos os grupos étnicos e raciais deste país. (GOMES, 2006, p.71).

O problema seria a falta de informação. Assim, fazer com que os alunos fiquem informados e desenvolvam atividades com as docentes, a escola está ampliando atividade que proporcionam interação socialização, incrementando ações em conjunto, ao tempo em que proporciona aos alunos diversas atividades, textos, oficinas, “contação” de história para que possam superar o preconceito racial. É muito importante que a escola desenvolva ações em coletivo.

Já as docentes 03 e 04 dizem que a causa da discriminação está relacionada a questões culturais; a docente 03 diz que o motivo são as questões culturais do meio em que os (as) alunos (as) vivem, e isso é repetido no comportamento com os (as) colegas, uma vez que eles (elas) reproduzem o que aprendem com o meio em que vivem. Como afirma Gomes (2005a), o meio em que as pessoas vivem influencia muito, pois se aprende





com as pessoas que estão ao redor. As pessoas podem aprender a ser seres preconceituosos (as) e podem também deixar de ser. Apesar dos aspectos culturais vive-se em uma sociedade heterogênea e não homogênea, na qual todos são seres humanos e têm os mesmos direitos, independente de classe social, crença e religião.

8

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005a, p. 41).

A identidade, segundo a autora, é algo que vai sendo construindo aos poucos, com a interação com o outro, com a sociedade, através da cultura, dos comportamentos adquiridos ao longo dos tempos. A família desenvolve um papel muito importante na educação das crianças, no processo de desenvolvimento das habilidades, do respeito ao próximo; a construção de conhecimento dentro de casa é aprendizado para toda a vida.

Quando se aborda ou se procura identificar como acontece o processo de discriminação racial na escola e como ele afeta a aprendizagem, a socialização das crianças na escola obteve os seguintes depoimentos:

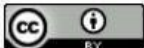
Acredito que em algumas brincadeiras apelidos, afeta o rendimento escolar dos alunos (DOCENTE 01).

Acontece em grupos de brincadeiras e afeta o rendimento escolar da criança. (DOCENTE 02).

Em brincadeiras dentro e fora da sala de aula (recreio) em comentários (às vezes explícitos e às vezes implícitos), principalmente, em tais de brincadeiras (apelidos). Às vezes causa brigas entre eles e percebe-se que o alvo da discriminação se sente mal com isso. (DOCENTE 03).

Em nossa escola não é comum esse problema. (DOCENTE 04).

Durante as brincadeiras e pode ter como consequência complicação na aprendizagem. (DOCENTE 05).





As respostas das professoras 01, 02, 03 e 05 aproximam-se com o argumento de que a discriminação racial acontece em grupos de brincadeiras. A docente 03 informou que acontece dentro e fora da sala de aula (recreio), em comentários às vezes implícitos e às vezes explícitos, principalmente em tons de brincadeira (apelidos). Já a docente 04 não consegue identificar algum tipo de discriminação racial no ambiente escolar, diz que na escola objeto da pesquisa não é comum esse problema.

Em relação à discriminação racial como afeta os alunos no ambiente escolar, as entrevistadas 01 e 02 disseram que afeta o rendimento escolar dos alunos. A docente 05 disse que pode ter consequência, complicação na aprendizagem. Já a docente 03 informou que, às vezes, causa brigas entre eles e percebe que o alvo da discriminação sente mal com isso.

A posição das professoras em relação à discriminação racial quando surge uma situação de discriminação na escola foi a seguinte:

A princípio converso com os alunos, caso permaneça, solicito a presença dos pais na escola, para tomarem as providências necessárias (DOCENTE 01).

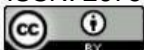
Converso com a criança e se for um comportamento que volte a acontecer participo aos pais solicitando providências (DOCENTE 02).

Tento dialogar com a criança e se for em sala de aula converso também com a turma, sobre a situação em relação a valores e a discriminação racial como crime (DOCENTE 03).

Procuro dialogar com a criança (DOCENTE 04).

Procura conversar explicando que discriminação é crime e contextualizando a temática (DOCENTE 05).

Todas as docentes tomam a posição de conversar com os alunos quando surge uma situação de discriminação racial. As entrevistadas 01 e 02 disseram que, caso a situação permaneça, solicitam a presença dos pais na escola, para tomarem as providências necessárias. Já as docentes 03 e 05 explicam que discriminação é crime, e a docente 05 conversa contextualizando a temática, já a docente 03 conversa com a turma sobre a situação em relação aos valores. GOMES (1999) afirma a importância do diálogo





que a escola seja um ambiente prazerosa, que é um espaço onde há troca de conhecimentos. Segundo ele,

Possibilitar o diálogo entre as várias culturas e visões de mundo, propiciar aos sujeitos da Educação a oportunidade de conhecer, encontrar, defrontar e se aproximar da riqueza cultural existente nesse ambiente é construir uma educação cidadã. (GOMES, 1999 p.91).

10

O diálogo é muito importante para oportunizar os alunos a conhecerem as várias culturas, os valores e mostrar que não se pode agir de forma preconceituosa com o (a) colega (a) porque ele (a) é um ser humano e merece respeito, cada indivíduo tem um jeito de ser e deve ser respeitado, independentemente de classe social, de cor, raça e religião.

Com relação ao projeto e atividades relacionadas à discriminação racial na escola as docentes afirmaram:

Sim (DOCENTE 01).

Sim (DOCENTE 02)

Oficinas com bolsistas do PIBID e projeto consciência Negra (DOCENTE 03).

Sim. Já existe um projeto e mais com o PIBID está sendo ainda mais enriquecido (DOCENTE 04).

Sim (DOCENTE 05).

As professoras 01, 02 e 05 disseram que sim, que a história do negro é abordada na escola, só que não problematizaram, não desenvolveram outra análise, e isso fragiliza a pesquisa, porque se fosse com a entrevista poderia problematizar.

Todas as docentes afirmaram que na escola tem projeto que trabalha as questões raciais. As docente 03 e 05 dizem que a escola desenvolve oficinas com os bolsistas do PIBID e o projeto da consciência negra. É muito bom quando as escolas desenvolvem projetos e atividades trabalhando as questões étnico-raciais porque vai ajudando os (as) alunos (as) a entenderem que devem respeitar o outro.





A implementação da Lei 10.639/03, e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem somar às demandas do movimento negro, de intelectuais e de outros movimentos sociais que se mantêm atentos à luta pela superação do racismo na sociedade, de modo geral, e na educação escolar, em específico (GOMES, 2006, p.69).

Com a implementação da Lei 10.639/2003, as escolas devem trabalhar as questões étnico-raciais, é muito importante que isto seja trabalhado nas escolas porque ajuda a amenizar o preconceito e traz novos conhecimentos em relação aos (às) negros (as), além de contribuir para que sejam desenvolvidos projetos nas escolas que trabalhem as questões étnico-raciais como forma de superação do racismo. As docentes trabalham as questões étnico-raciais da seguinte forma:

Com trabalhos em grupos, apresentações com alunos (DOCENTE 01).

Trabalhos em grupos, conversas, oficinas (DOCENTE 02).

Projeto consciência Negra (DOCENTE 03).

Na maioria das vezes com um projeto sobre a consciência negra (DOCENTE 04).

Roda de conversa, pesquisa, trabalho em grupo (DOCENTE 05).

As entrevistadas 01, 02 e 05 dizem que a instituição trabalha as questões étnico-raciais, através de trabalhos em grupos; as docentes 02 e 05, em rodas de conversa, a docente 02 oficinas, a docente 05 pesquisa, e a docente 01 apresentações com os alunos. Já as docentes 03 e 04 trabalham as questões étnico-raciais, na maioria das vezes, com um projeto sobre a consciência negra. As docentes desenvolvem atividades variadas de acordo com a série dos alunos abordando as questões étnico-raciais tentando superar a discriminação racial.

Ao perguntar às entrevistadas se era possível perceber algum tipo de discriminação em relação a crianças negras elas afirmaram o seguinte:

Ocorrem casos isolados, com pouca frequência (DOCENTE 01).

É raro, mas acontecem casos isolados (DOCENTE 02).





É raro acontecer (DOCENTE 03).

Muitos raramente (DOCENTE 04).

Não (DOCENTE 05).

As docentes 02, 03 e 04 dizem que é raro acontecer algum tipo de discriminação racial em relação à criança negra. A docente 05 diz que não é possível perceber na escola algum tipo de discriminação em relação à criança negra. Já as docentes 01 e 02 dizem que ocorrem casos isolados, com pouca frequência. As opiniões das professoras em relação às atitudes diante de uma prática racista são as seguintes:

Orientação para o respeito com o próximo, trabalhar atividades que contribuam para maior interação entre eles (DOCENTE 01).

Procurar valorizar a cultura de respeito ao próximo (DOCENTE 02).

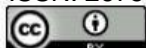
Sempre dialogar com os envolvidos, buscando valorizar as diversas e o respeito mútuo (DOCENTE 03).

Diálogo (DOCENTE 04).

Trabalhar para sensibilizar a pessoa que discrimine a conhecer e respeitar as diversidades (DOCENTE 05).

Diante de uma prática racista, a atitude das entrevistadas 01 e 02 é a orientação para o respeito com o próximo; a docente 01 trabalha atividades que contribuem para maior interação entre eles (as). A docente 02 procura valorizar a cultura de respeito ao próximo. As docentes 03 e 04 têm um diálogo. A docente 03 dialoga e busca valorizar as diferenças e o respeito mútuo. Já a docente 05 trabalha para sensibilizar a pessoa que discrimine a conhecer o respeito as diversidades.

As pessoas precisam ser convidadas a refletir sobre a sua própria identidade racial e sua interação com o mundo a partir dela. Acontecem então muitas descobertas, choques, momentos catárticos, e tudo isso é potencializado para que cada pessoa possa refletir sobre a sua própria prática pedagógica, sobre o racismo presente no meio social como um todo e sobre os mecanismos de produção e mutação de preconceitos e discriminações raciais da instituição escolar (CAVALLEIRO, 2001, p.73).





Como a docente 01 falou, é importante a interação entre eles (as). O autor Silva (2001) argumenta também acerca da importância que a interação tem no processo de ensino e aprendizagem de se relacionar com o outro de refletir sobre o racismo, preconceito e também as coisas que acontecem no ambiente escolar no dia a dia porque é pensando na prática de hoje nas atitudes dos (as) alunos (as) que podem melhorar.

Todas as docentes afirmaram que a história do negro é abordada na escola. Segundo as participantes, ela é abordada na escola que sim, só que elas não acrescentaram mais nada nessa questão, mas em outra questão as professoras explicaram que são desenvolvidas diversas atividades na escola sobre as questões étnico-raciais através de diálogo, textos, dinâmicas que são desenvolvidas na Instituição.

Todas as entrevistadas afirmam que existe um trabalho coletivo na escola acerca da diversidade étnico racial segundo os depoimentos abaixo:

Sim, com os professores da escola e os alunos do curso pedagogia da UFS com o projeto PIBID, realizam atividades junto a escola, além de projetos que fazem parte do plano de ação da escola (DOCENTE 01).

Sim, no momento os alunos do PIBID, juntamente com os discentes e docentes desenvolvem um trabalho coletivo na escola (DOCENTE 02).

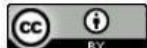
Sim, alunos bolsistas da UFS, desenvolvem oficinas com a temática (DOCENTE 03).

No momento as alunas da PIBID (DOCENTE 04).

Sim (DOCENTE 05).

Os alunos do PIBID, os bolsistas da UFS desenvolvem oficinas com a temática. A docente 02, juntamente com os (as) discentes e docentes, desenvolvem um trabalho coletivo na escola. A docente 01 vai além de projetos que fazem parte do plano de ação da escola. Percebe-se que a escola desenvolve ações em coletivo isso é fundamental contribui muito para o desenvolvimento dos (as) alunos (as). Segundo as docentes, a temática é inserida nas aulas, nos projetos e nas práticas da escola da seguinte forma:

Com atividades que valorizam a cultura do próximo, como contação de histórias, apresentações teatrais, etc. (DOCENTE 01).





“Contaçãõ” de histórias, oficinas, projeto (DOCENTE 02).

Em orientações didáticas com leituras e produções textuais, pesquisas em livros e internet, leitura fílmica e quando pode ser inserido no conteúdo científico, bem como em situações de discriminação em sala de aula (DOCENTE 03).

Através de textos, projetos sobre a consciência negra, diálogo (DOCENTE 04).

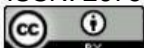
Roda de conversa, pesquisa, trabalhos em grupo (DOCENTE 05).

14

A docente 01 afirma que a discriminação racial é inserida nas aulas com atividades que valorizam a cultura do próximo, como “contaçãõ” de histórias, apresentações teatrais, etc.; a docente 02 também trabalha com a “contaçãõ” de histórias, oficinas, projeto. As docentes 03 e 04 trabalham através das orientações didáticas com leituras e produções textuais; a docente 03 trabalha com pesquisas em livros e Internet, leitura fílmica e quando pode ser inserido no conteúdo científico, bem como em situações de discriminação em sala de aula. A docente 04 usa o projeto sobre a consciência negra e diálogo. Já a docente 05 trabalha através da roda de conversa, pesquisa, trabalhos e trabalhos em grupos. As atividades que são inseridas nas aulas sobre a discriminação racial são de acordo com o nível dos alunos, algumas atividades são iguais porque são da mesma série.

3 Considerações finais

Percebeu-se, através dos relatos de algumas docentes e de alguns (algumas) autores(as), que a família influencia muito na construção de aprendizagem das crianças, no processo de socialização e interação com as outras crianças que quando ele(a) chega na escola já tem alguns conhecimentos e valores, cultura que foi construído com a família, na sociedade, então os (as) alunos (as) podem ter aprendido a ser preconceituoso (a) como também eles (as) podem ter o conhecimento adquirido através da família, que devem respeitar o outro, independentemente de como ele (a) seja. A escola ela tem a função de construir seres reflexivos e críticos mostrando que cada ser humano tem o seu jeito de ser pensar e agir.





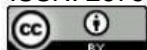
Ao realizar a pesquisa identificou-se que a discriminação racial acontece em grupos de brincadeiras dentro e fora da sala de aula, no recreio, em alguns comentários, às vezes explícitos e às vezes implícitos, em tais brincadeiras com apelidos. Já a discriminação em relação à criança negra é muito rara acontecer algum tipo de discriminação e quando acontece é em casos isolados com pouca frequência. A causa da discriminação seria a falta de informação e está relacionada a questões culturais do meio em que vivem; os (as) alunos (as) acabam reproduzindo esses comportamentos.

Na instituição em que foi realizada esta pesquisa, são desenvolvidas oficinas, através de debates, projeto sobre a consciência negra, registro escrito, vídeos, brincadeiras, leituras, contação de histórias, pinturas, confecção de fantoches, coreografias, diálogo, trabalhos em grupos, roda de conversa, apresentações com os alunos, textos, pesquisas em livros e Internet abordando as questões étnico-raciais. Percebeu-se que a Instituição desenvolve várias atividades junto com os bolsistas da Universidade Federal de Sergipe abordando a temática contribuindo para a superação do preconceito racial.

Percebeu-se que a instituição desenvolve um bom trabalho abordando as questões étnico-raciais de diversas formas, proporcionando aos (às) alunos (as), diálogo e também uma variedade de atividades ao combate à discriminação racial juntos com os(as) bolsistas da Universidade que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dos (as) alunos(as), ajudando a manterem informados (as) sobre a discriminação racial na escola.

Referências

ALMEIDA, R. R.; DE ARAÚJO JR, C. A. F. O Uso de Dispositivos Móveis no Contexto Educativo: Análise de Teses e Dissertações Nacionais. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 6, n. 11, p. 25-36, 2013. Acesso em: Disponível em: <https://pontadelanca.revistas.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2538>. Acesso em: 10 jan. 2019.





ARAÚJO, A.; SOARES, E. L. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CARDOSO, H. M.; DIAS, A. F. Representações sobre corpo, gênero e sexualidades de estudantes das licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, campus Aracaju. **Práxis Educacional**, v. 13, n. 24, p. 76-94, 2016. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/930>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CARVALHO, S. O. Formação Docente e Práxis Pedagógica narrativa de uma professora. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3602>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CAXILE, C. R. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599>. Acesso em: 02 jan. 2019.

COSTA, M. A.; SILVA, F. M.; SOUZA, D. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3476>. Acesso em: 02 jan. 2019.

CRUZ, M. H. S. A Crítica Feminista à Ciência e Contribuição à Pesquisa nas Ciências Humanas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 15-28, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2949>. Acesso em: 10 jan. 2019.

DIAS, A. F. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas?. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 103-112, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2958>. Acesso em: 10 jan. 2019.

DIAS, A. F.; MENEZES, C. A. A. Que inovação pedagógica a pedagogia queer propõe ao currículo escolar?. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 37-48, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7443>. Acesso em: 10 jan. 2019.





FERREIRA NETO, J.; DA SILVA, R. Mestre Chitãozinho e a formação dos capoeiristas no Projeto ABC do João XXIII. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3518>. Acesso em: 02 jan. 2019.

FINO, C. N. Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 13-22, 2016. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4959>. Acesso em: 10 jan. 2019.

GOMES, N.L. Diversidade, cultura, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In: ABRA-MOWICZ, A; BARBOSA, M.A.; SILVÉRIO, V. R. (Orgs.).

Educação como prática da diferença. Campinas: Armazém do Ipê, 2006 (p.21-40).

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei 10.639**. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005a.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria do Ensino Fundamental, 1999.

GOMES-DA-SILVA, P. N. Pedagogia da corporeidade: o decifrar e o subjetivar na educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, .7, n. 13, p. 15-30, 2014.

Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3255>. Acesso em: 10 jan. 2019.

HOVDENAK, S. S.; WIESE, E. F. Teacher Professionalism and Curricular Change - the Tension between Governance, Control and Professionalism in School. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 23-34, 2016. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4960>. Acesso em: 10 jan. 2019.

KOVACS, H.; TINOCA, L. Unfreeze the pedagogies: introduction of a new innovative measure in Portugal. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 73-86,

10 out. 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7446>.

Acesso em: 10 jan. 2019.

LOPES, N: **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

MACEDO, R. S.; GUERRA, D. Instituintes Culturais da Experiência Curricular-Formativa: Bases Teóricas para um Etnocurrículo. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 35-44, 2016. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4961>. Acesso em: 10 jan. 2019.





MACIEL, J. A.; MACIEL, J.; MENDES, A.; SILVA, J. Dialogando sobre o tema jogos populares no ensino fundamental 1. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3506>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MOREIRA, A. F.; SILVA JÚNIOR, P. M. DA. Currículo, Transgressão e Diálogo: quando Outras Possibilidades se Tornam Necessárias. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 45-54, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4962>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MORGADO, J. C. O professor como decisor curricular: de ortodoxo a cosmopolita. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 55-64, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4964>. Acesso em: 10 jan. 2019.

NERYS, F.; KOEPP, J.; COSTA, B.; BARON, M. Dificuldades na consulta clínica e nutricional de surdos no Brasil: revisão de literatura. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3605>. Acesso em: 02 jan. 2019.

OLIVEIRA, A. M. DE; GEREVINI, A. M.; STROHSCHOEN, A. A. G. Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 119-132, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6429>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PACHECO, J. A.; SOUSA, J. O (pós) crítico na Desconstrução Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 65-74, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4971>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PARASKEVA, J. M. “Brutti, Sporchi & Cattivi”: Towards a Non-Abysal Curriculum. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 75-90, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4966>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PEDRO, N. Ambientes educativos inovadores: o estudo do fator espaço nas ‘salas de aula do futuro’ portuguesas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 99-108, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7448>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PINTO, É. J. S.; CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 47-58,





maio 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6173>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RAMOS, M. DA C. P. Ambiente, Educação e Interculturalidade. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 5, n. 8, 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2284>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. “Lembro-me de querer andar durinho, como se diz que homem deve ser”: a construção do corpo gay na escola. **Revista Exitus**, v. 9, n. 4, p. 775 - 804, 2019. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1033>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RIOS, P. P.; CARDOSO, H.; DIAS, A. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer. **Educação & Formação**, v. 3, n. 2, p. 98-117, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/272>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RODRIGUES, L. Transgredir para empoderar: o empoderamento das jovens mulheres pela educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 91-98, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4967>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RUDD, T.; GOODSON, I. F. Refraction as a tool for understanding action and educational orthodoxy and transgression. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 99-110, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4968>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SANTOS, F.; GIASSON, F. Docência no Ensino Superior: formação, iniciação e desenvolvimento profissional docente. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3543>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I. Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 45-56, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2951>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SILVA, I.; DIAS, A.; RIOS, P. Os estudos de Gênero na Revista Tempos e Espaços em Educação: uma Revisão Sistematizada. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2495>. Acesso em: 10 jan. 2019.





SILVA, J.; LIMA, I.; PARENTES, M. D.; SILVA, L. Trajetórias formativas de licenciandos em matemática: percepções sobre constituir-se professor. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3478>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SOUSA, F. G.; FERNANDES, F. R. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SOUSA, J. M. Repensar o Currículo como Emancipador. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 111-120, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4969>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ULJENS, M. Non-Affirmative curriculum theory in a cosmopolitan era?. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 121-132, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4970>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ⁱ **Rafaela da Silva Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5206-7803>

Curso de Pedagogia, Departamento de Educação, Campus Itabaiana

Graduada em Pedagogia

Contribuição de autoria: Realizou a pesquisa e elaborou a versão da discussão dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1025116966310421>

E-mail: lalinhaa_2012@hotmail.com

ⁱⁱ **Alfrancio Ferreira Dias**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5562-0085>

Colegiado de Pedagogia, Departamento de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Doutor em Sociologia. Professor da Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Contribuição de autoria: Realizou a orientação da pesquisa e revisou a discussão dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1729817235900990>

E-mail: diasalfrancio@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Como citar este artigo (ABNT):

SANTOS, Rafaela da Silva; DIAS, Alfrancio Ferreira. Representações das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a discriminação racial na escola. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 3, e233696, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3696>

